

# RESGATANDO A HISTÓRIA : ROTEIRO TURÍSTICO-CULTURAL DO “CAPÃO DA TRAIÇÃO”

*3-Educación y enseñanza de la geografía*

Oliveira, Rosalia<sup>1(\*)</sup>; Guimaraes, Aline<sup>1</sup>; Moreira, Viviane<sup>2</sup>

1 - CEFET-MG | (\*) Brazil 2 - Colégio Chromos Pampulha

**Palabras Clave:** *Emboabas, Capão da Traição, turismo, roteiro turístico-cultural, Brasil colonial*

## INTRODUÇÃO:

O início das atividades mineradoras na região das “Minas Geraes” pode ser considerado um dos grandes marcos na história do Brasil Colonial. Além de se estabelecer como uma nova fonte de lucros para a Coroa Portuguesa, a descoberta de metais preciosos proporcionou um novo conjunto de mudanças na sociedade e na ocupação territorial da época.

Destacada essa importância, não podemos nos esquecer que a mineração foi uma atividade econômica concomitante às explorações dos bandeirantes, realizadas, principalmente, no interior do Brasil. Sendo a descoberta de ouro e pedras preciosas um antigo sonho desses exploradores, o estabelecimento dessa nova atividade promoveu intensas disputas entre bandeirantes e portugueses.

Com o anúncio da descoberta das primeiras regiões auríferas, o número de portugueses que se fixaram em terras brasileiras aumentou significativamente. Os bandeirantes paulistas, descobridores das jazidas, passaram a sofrer com a concorrência daqueles que chegavam logo depois.

Em todas as regiões mineradoras, o número daqueles que vinham de fora era muito maior ao número dos paulistas, que haviam chegado nessas regiões num primeiro momento e consideravam esse território pertencente a eles. Estes não se conformavam de maneira nenhuma com o fato, e passaram a denominar os “estrangeiros”, de emboabas, nome de origem tupi guarani: emboaba seria um pássaro com pernas cheias de plumas. Aqueles que vinham da Europa e/ou do litoral usavam proteções, normalmente de couro, para as pernas e os pés. Já os paulistas não usavam calçados e andavam de pernas nuas pela região.

Julgando ter maiores privilégios sobre a exploração aurífera, os bandeirantes paulistas organizaram um movimento armado contra os “emboabas”, havendo grande hostilidade entre eles.

A rixa entre portugueses e bandeirantes se arrastou durante dois anos. Sob a liderança do português Manuel Nunes, os portugueses expulsaram os bandeirantes das “Minas Geraes”. Com a expulsão, os bandeirantes foram em busca de ouro nas regiões de Goiás e Mato Grosso.

A Guerra dos Emboabas foi uma luta pelo controle das jazidas auríferas na região das “Minas Geraes” e não uma revolta nativista, como muitos supõem.

Propõe-se então, a partir do contexto da Guerra dos Emboabas, a escolha de um entre os vários episódios, ocorreram incidentes em Caeté, no Arraial do Sabará, em Cachoeira do Campo, na área do Ribeirão do Carmo e Guarapiranga, entre outros. Escolheu-se o episódio da expulsão dos paulistas do rio das Mortes.

Este episódio resultou em um importante acontecimento histórico da Guerra dos Emboabas, pois o local onde os fatos se sucederam, passou a ser conhecido como “Capão da Traição”, devido à disputa entre emboabas e paulistas, os quais já tinham o controle da maior parte das regiões mineradoras e faltava-lhes apenas uma que ficava próxima do rio das Mortes.

Essa escaramuça sangrenta aconteceu na região de Ponta do Morro, depois Vila de São José Del’Rey, atual cidade de Tiradentes, Córrego, povoado no município de Tiradentes até chegar em Arraial Novo, atual cidade de São João del Rei, no hoje estado de Minas Gerais, tendo como delimitador o rio das Mortes.

Nessa região encontra-se, portanto, o provável ponto deste acontecimento trágico, ocorrido em 1708: Capão da Traição.

Assim, devemos levar em consideração os seguintes objetivos no presente trabalho:

- Resgate da história geral da Guerra dos Emboabas;
- Levantamento de quando, onde e por que do episódio da guerra escolhido como o principal a ser pesquisado, o do “Capão da Traição”;
- Análise da toponímia das vilas e lugarejos utilizada no período em questão, início do século XVIII e as mudanças que aconteceram em termos de história, desenvolvimento, classificação urbana e novos nomes destes locais;
- Montagem de um roteiro turístico-cultural tendo como pano de fundo a Guerra dos Emboabas e o seu enfrentamento mais conhecido.

## DESENVOLVIMENTO

O presente trabalho que ainda está em curso, começou ao fazer-se o levantamento historiográfico e geográfico da região onde ocorreu a disputa, ou seja, a delimitação entre as cidades de Tiradentes e São João del Rei. Levando-se em consideração três fontes históricas diferentes: Rocha Pita (1730), Padre Manoel da Fonseca (1752) e Joseph Álvares de Oliveira (1750 a 1751), além de outras bibliografias.

Num segundo momento, desde o início do ano, pesquisa em mapas, visita às cidades citadas, por diversas vezes, com registro dos locais em fotografias e filmagens, entrevistas com moradores, além de levantamento histórico-cartográfico nas localidades pesquisadas. Com os dados iniciais levantados da infra-estrutura turística existente nas duas cidades, começamos a feitura de um esboço de roteiro em construção. Nas entrevistas realizadas, destacamos a rica e gentil contribuição do artista plástico e professor, Luiz Cruz, morador de Tiradentes- MG, que têm pesquisado sobre o tema nos últimos anos.

Principais contribuições geográficas:

- Associação de conhecimentos geográficos e históricos, que em conjunto, podem contribuir ainda mais para o incremento do turismo nessas duas localidades;
- Aumento da percepção da contribuição significativa da Geografia em interfaces com o Turismo;
- Análise da Geografia presente na Guerra dos Emboabas, possibilitando uma outra alternativa de pesquisa sobre a região, inclusive nas escolas, aguçando os interesses dos alunos e moradores;
- Analogia com a realidade de hoje da região e do país, dentro de uma visão crítica de mundo.

Desta maneira, com a elaboração de um roteiro histórico-cultural a partir de um resgate histórico importante, mas um pouco esquecido na atualidade, pretende-se ressaltar a importância deste para o desenvolvimento da região onde ele ocorreu. Como mais uma possibilidade de enriquecimento cultural e contribuição para o desenvolvimento local das cidades que estão inseridas neste ambiente pesquisado.

### Apontamentos sobre São João del Rei

São João del Rei, segundo os historiadores, foi fundada no final do século XVII por paulistas com origem na cidade de Taubaté, chefiados por Tomé Portes del Rei, considerado assim, o seu verdadeiro fundador, embora tenha sido morto antes da existência do Arraial Novo, o povoado criado por ele, desenvolveu-se, transformando-se na São João del Rei atual.

Num primeiro momento, Tomé Pontes del Rei, estabeleceu-se na margem esquerda do Rio das Mortes, junto ao chamado Caminho do Sertão (Caminho Velho). Com sua tenacidade e praticidade, Tomé Portes del Rei propiciou o plantio de roças para a subsistência, implementou a criação de animais de pequeno porte, local para o pouso dos viajantes e até a utilização de canoas para a travessia do rio, daí o local ter ficado conhecido pelo nome de Porto Real da Passagem, numa área estratégica em função da movimentação intensa e constante de sertanistas e exploradores de todos os tipos.

Posteriormente, por volta de 1702, ajudado por um minerador sagaz, João de Siqueira Afonso, Tomé Portes del Rei achou ouro em um córrego na margem direita do Rio das Mortes. Dessa feita, em razão da descoberta aurífera, fundou um outro povoado, o Arraial de Santo Antônio, depois denominado, Arraial Velho, que ao ser elevado à condição de vila, passou a ser conhecido como Vila de São José del-Rei (Tiradentes). Assim, desde o início essas duas cidades encontram-se interligadas por razões históricas, geográficas e sócio-econômicas.

A região, que abarca as duas cidades, como mencionado anteriormente, foi palco da luta final da Guerra dos Emboabas, o episódio trágico do “Capão da Traição”, quando os paulistas foram covardemente chacinados pelos portugueses, tudo tendo como palco de fundo o controle e a cobiça pelo ouro da região.

O Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar subiu de nível, para vila, em 8 de dezembro de 1713, passando a chamar-se São João del Rei, homenageando assim, Dom João V, tornando-se sede da Comarca do Rio das Mortes. A cidade é uma das que possui em Minas Gerais, exemplares maravilhosos da arquitetura colonial mineira, a maioria em condições muito boas de preservação.

A arquitetura colonial mineira, indo além das dificuldades técnicas e de matérias primas delineou com o tempo, uma arte própria regional, utilizando-se de materiais típicos, sofrendo adaptações de acordo com as necessidades, construindo desde as primeiras capelas até as igrejas grandiosas, com seus tetos pintados, ricos altares, sempre se utilizando de muito ouro, em profusão no período. O estilo das capelas e igrejas seguiu este modelo de opulência, pleno de um excesso de detalhes arquitetônicos e ornamentais, onde floresceram artífices de talento, cujos nomes passaram para a posteridade como: Francisco de Lima Cerqueira, Joaquim de Assis Pereira e Aniceto de Souza Lopes.

Francisco de Lima Cerqueira, por exemplo, foi responsável pela construção das igrejas de São Francisco e do Carmo, sendo sepultado na capela-mor da primeira, vestindo o hábito franciscano, em 27/09/1808. Já, Aniceto de Souza Lopes foi aquele que deu continuidade aos trabalhos de Lima Cerqueira.

Um roteiro pela cidade não poderia deixar de sugerir de início, e conter as visitas aos seus solares, (de João Antônio da Silva Mourão; da Baronesa de Itaverava; da família Neves; dos Lustosa; a Casa do Padre José Maria Xavier; a Casa do Barão de Itambé; a Casa do Barão de São João Del-Rei; a Casa de Bárbara Eliodora; entre outros), pontes (do Rosário, da Cadeia, do Córrego do Lenheiro, do Hospital), chafarizes (da Legalidade, por exemplo), o paço municipal (Prefeitura) e até seu pelourinho, além do coreto em uma de suas praças.

É possível fazer uma “peregrinação” acompanhando-se os passos da Via Sacra e com a visitação em suas igrejas e capelas, das muito antigas até as mais recentes, destacando-se a Catedral Basílica do Pilar datada de 1721, a igreja do Rosário, de 1720, a igreja do Carmo de 1733, a igreja das Mercês, de 1769; a capela Nossa Senhora do Pilar, à volta da qual o povoado prosperou. A igreja de São Francisco de Assis (um dos mais esplêndidos templos coloniais de Minas Gerais), a Capela de Nossa Senhora das Dores (em estilo neo-gótico), a Capela do Senhor Bom Jesus dos Montes, o Monumento ao Cristo Redentor, a Capela de Santo Antônio, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (erigida pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos) - merecem ser igualmente visitadas.

A estação ferroviária e a Maria Fumaça, com a viagem de trem de São João del Rei a Tiradentes e vice-versa é um programa obrigatório, que encanta todas as idades. As cachoeiras para todos os gostos e o Balneário de Águas Santas, seus museus (Memorial Presidente Tancredo Neves, Museu Tomé Portes Del Rei, Ferroviário, Ex-Combatentes, Museu de Arte Sacra, do Estanho, Museu John Somers, Museu Regional de São João del Rei ...), enfim, a cidade de São João del Rei merece ser mais conhecida e visitada, que o turista possa percebê-la e entendê-la acima de suas belezas, ou não só através delas.

Os sinos de São João del Rei refletem um mundo de possibilidades, com seus toques únicos e peculiares, num dos raros locais do Brasil onde este conhecimento ainda mantém-se preservado. Através dos mesmos, a comunidade é informada das missas, procissões, nascimentos, funerais... Não é por acaso, que a cidade é conhecida como a “Terra onde os sinos falam”. Suas orquestras com tradição de música sacra (Lira Sanjoanense, Ribeiro Bastos), o Conservatório de Música Padre José Maria Xavier, entre outras manifestações, comprovam de forma inequívoca, que a cidade também é extremamente musical e guarda tesouros de muitos mestres compositores como o Padre José Maria Xavier, João Feliciano de Souza, Martiniano Ribeiro Bastos ... Essa musicalidade vem de longe, na importância dada à instrução musical no passado, no entrelaçamento da música com as festas religiosas e as diferentes irmandades.

É óbvio que não é possível um único roteiro para a região, devido à sua riqueza histórica e cultural, como bem demonstram os exemplos, e nem se tem a pretensão de fazê-lo, mas, apontar as inúmeras possibilidades existentes, nem sempre devidamente exploradas e algumas, pouco conhecidas ou ignoradas.

Foi com espanto, que ao entrevistarmos alguns moradores, muitos não soubessem claramente, o que foi a guerra dos Emboabas, quando aconteceu, embora a maioria já tivesse escutado falar do episódio do “Capão da Traição”, sem dar mais detalhes. Todavia, é comum, andarmos pelo centro da cidade e observarmos estabelecimentos com o nome de “Emboabas”, existindo até uma emissora de rádio com esse nome. Sendo que nem nos roteiros aos quais tivemos acesso, nem nos mapas turísticos fornecidos na cidade, existe a menção sobre esses acontecimentos, à exceção do Fortim dos Emboabas. O Instituto Histórico e Geográfico de São João del Rei, infelizmente, nas vezes que estivemos na cidade, não estava em horário de funcionamento.

Quem eram os emboabas?

O primeiro a citar o termo “emboabas” foi o historiador Antonil, isto, ao mencionar com detalhes a ligação entre o Caminho Novo do Rio de Janeiro e o Caminho Velho, de São Paulo, na sua obra *Cultura e Opulência do Brasil – por suas Drogas e Minas* (1688 a 1708).

Em seu livro, de 1730, *História da América Portuguesa*, Sebastião Rocha Pita afirma:

“Estavam opostos, e divididos em duas parcialidades, uma dos naturais de São Paulo, e das vilas de sua jurisdição, chamados Paulistas, e outras dos forasteiros, a quem eles chamavam Emboabas, dando este nome a todos os que não saíram de sua região”.

Segundo Eduardo Canabrava Barreiros, no seu livro *Episódios da Guerra dos Emboabas e sua Geografia*, ao escrever sobre Rocha Pita (pág. 51), assim se manifesta:

“... É bom lembrar que o livro de Rocha Pita foi apresentado à Academia Real em 1726. Isso leva a admitir-se que sua organização seria anterior, aproximando-o ainda mais dos acontecimentos ocorridos no primeiro decênio do século.”

Portanto, eram todos aqueles que não haviam nascido na Capitania de São Vicente, atual São Paulo. Para os paulistas, os mesmos não poderiam e nem teriam direito de receber terras nas “Minas Geraes”, seriam forasteiros, não apenas os portugueses, mas, aqueles classificados como adversários incontestes dos paulistas. Os emboabas, na visão dos paulistas, ameaçavam a exploração do ouro em curso e o direito de posse dos novos territórios; de um lado tinha-se os desmandos e provocações dos paulistas, e de outro, a necessidade de proteção por parte dos emboabas que passaram a se armar.

Os paulistas exerciam uma dominação abominável e injusta sobre os demais, enriqueciam rapidamente, sonegavam impostos, assassinavam, criando um território sem lei. Para complicar ainda mais, o próprio governador da capitania do Rio de Janeiro, dom Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre, considerava que as terras detentoras de jazidas auríferas pertenciam realmente aos paulistas.

O início dessa contenda entre paulistas e emboabas teve como primeiro registro o assassinato de um humilde forasteiro português, por um paulista, no Arraial da Ponta do Morro (atual Tiradentes), junto ao rio das Mortes. O episódio não tem uma data precisa, todavia, acredita-se que tenha sido no começo de 1707 e gerou revolta entre os emboabas, que se consideravam desprotegidos.

O segundo acontecimento ocorreu meses depois, no arraial do Caeté (região do rio das Velhas), quando dois paulistas, Jerônimo Pedroso e Júlio César, não conseguiram desarmar um emboaba devido à ação do português Manuel Nunes Viana. Os mesmos resolveram vingar-se de Viana e só não o conseguiram por que a sua casa foi protegida por seus companheiros. O clima de animosidade foi crescendo e outros confrontos e provocações aconteceram.

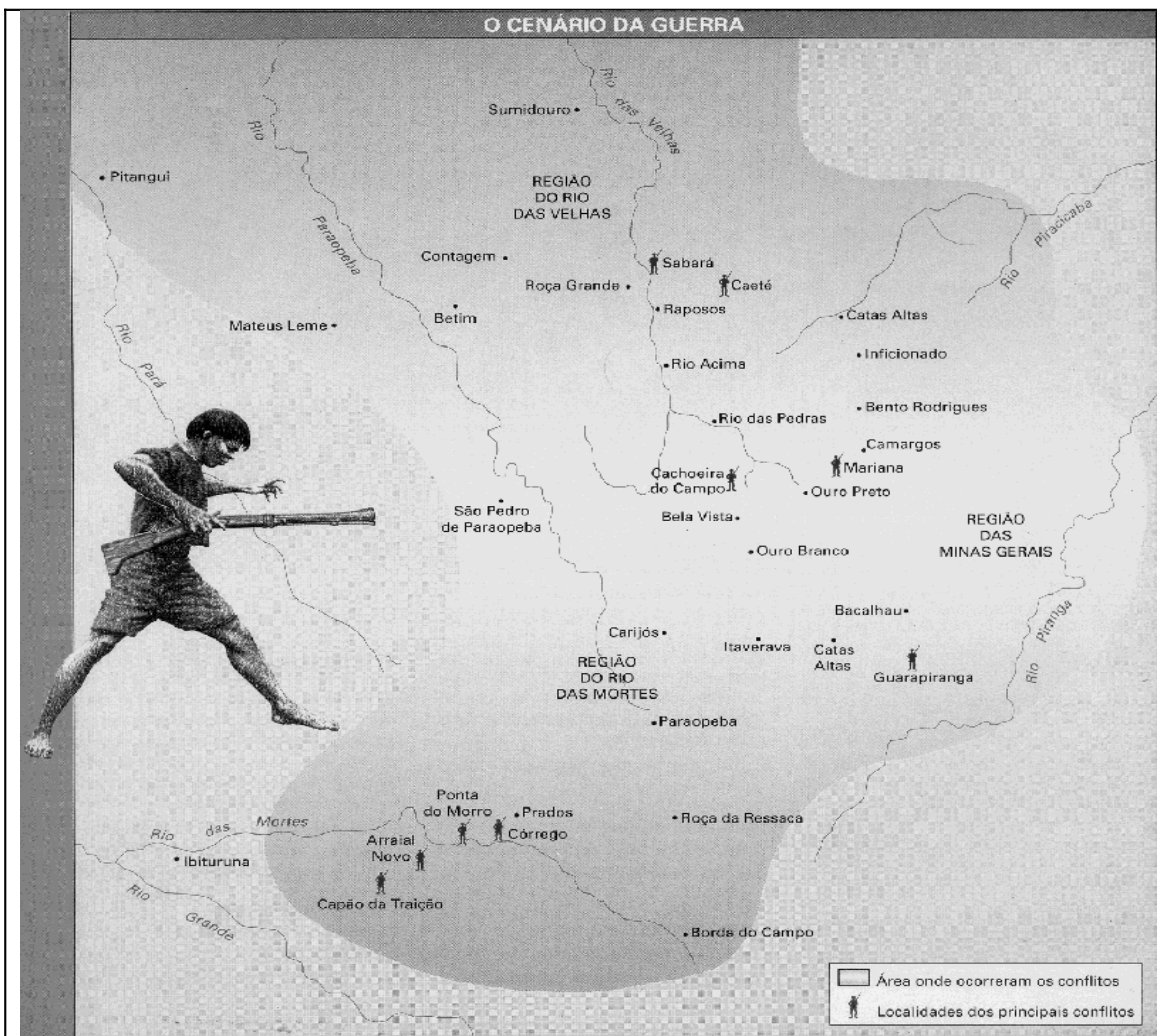
Borba Gato, superintendente das Minas, fazia diligências e confiscos, tentando impedir o contrabando do ouro, também tinha o poder equivalente ao de uma polícia sobre a região. Mandou, a partir do acidente em Caeté, expulsar Viana mais de uma vez, entretanto, não foi acatado. Mas, por temer que a expulsão do líder dos emboabas provocasse uma revolta, mudou de idéia e resolveu promover uma pacificação entre os dois grupos.

Borba Gato era considerado suspeito pelos emboabas, que não o consideravam imparcial, pois julgaria qualquer demanda com a visão de um paulista. É claro que ele não conseguiu realizar um acordo de paz ou o término dos conflitos. Eduardo José Afonso, em seu livro *A Guerra dos Emboabas* (pág. 19), comenta sobre a atuação de Borba Gato:

“Pode ter sido um erro de tática de Borba Gato: se tivesse mostrado seu poder impondo a lei e expulsando Nunes Viana, talvez os acontecimentos posteriores tivessem sido evitados.”

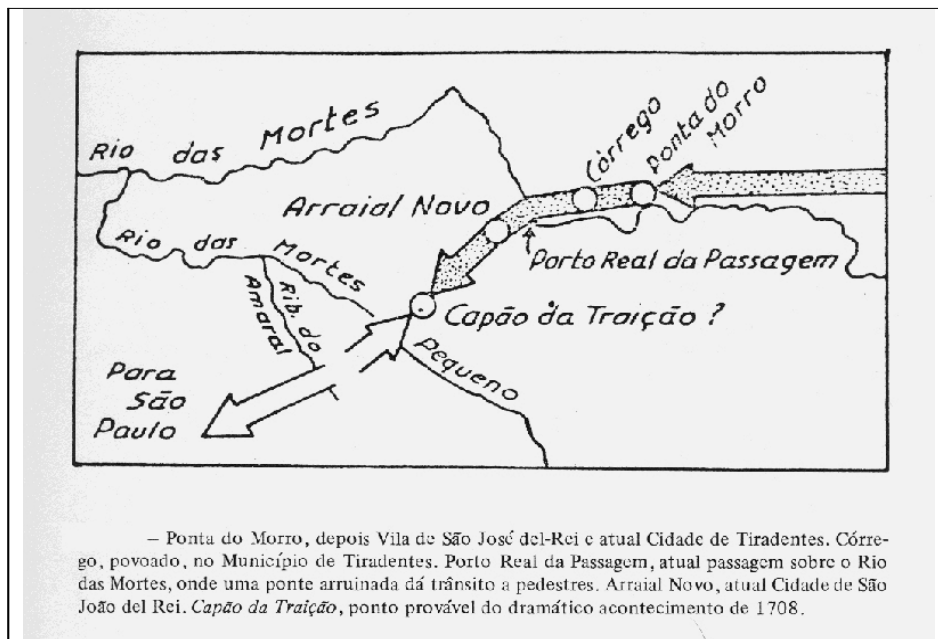
E dessa forma, referendados pela maior autoridade, acostumados a um mundo de barbárie, não causa surpresa que, entre 1707 e 1709, os paulistas rebelam-se contra os recém-chegados, cada vez em maior número, (em sua maioria, portugueses), que saem vitoriosos, depois de um banho de sangue, liderados pelo português Manuel Nunes Viana, (um comerciante de gado, fornecedor de carne para os garimpeiros e que ampliou as suas atividades, tornando-se um grande proprietário de minas na região de Caeté), elevado à categoria de capitão-mor pelos seus comandados. Que havia tornado-se líder em razão do episódio acontecido no arraial de Caeté, mencionado anteriormente, ou seja, por ter desafiado de forma incontestável, com a sua reação, os paulistas.

O cenário da guerra, geograficamente falando, é extenso, tendo como palcos principais diversas vilas e arraiais (hoje, as cidades de Ouro Preto, Caeté, Tiradentes, Sabará, Mariana, São João del Rei ...). Por esta razão, optou-se pela escolha de apenas um episódio, restringindo-se a área a ser pesquisada. A seguir, para melhor compreensão, destacamos o mapa – Cenário da Guerra:



Fonte: AFONSO, J. Eduardo. *A Guerra dos Emboabas*. Editora Ática, SP, 1998, pág.17.

## Cartograma do rio das Mortes e Capão da Traição



Fonte: BARREIROS, C. Eduardo. Episódios da Guerra dos Emboabas e sua Geografia. BH: Ed. Itatiaia; SP: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984, pág. 77.

A localização exata de onde teria acontecido o episódio do Capão da Traição não é possível de ser localizada com certeza, os relatos são controversos e não há unanimidade. Muitos a colocam no caminho entre Tiradentes e São João del Rei, onde hoje existe uma ponte, outros pesquisadores, apontam para outro local, longe das duas cidades.

Eduardo Canabrava Barreiros cita em seu livro, *Episódios da Guerra dos Emboabas e sua Geografia* (pág. 83), o testemunho de um morador do Arraial Novo (São João del Rei) na época dos acontecimentos, um emboaba chamado Joseph Álvares de Oliveira. As memórias deste português foram escritas entre 1750 e 1751, com o título de : “ História do Distrito do rio das Mortes, sua descrição, descobrimento de suas minas, casos nele acontecidos entre Paulistas e Emboabas e criação de suas Vilas”. Indo além da redação pomposa, o mesmo lamenta o ocorrido, classificando-o de “tirano massacre e ímpia execução abominada por todos”, grifo feito por Barreiros.

Como mostramos adiante:

“Certos os paulistas da chegada desta gente, logo se dividiram em mangas e buscaram, com muita pressa, as emboscadas dos matos. E sabendo-se que uma destas se tinha metido da outra parte do rio das Mortes, coisa de légua e meia ao rumo do Norte, em um capão, nome que pelos naturais se dá a qualquer porção de mato, maior ou menor, sendo separado, por todas as partes, de outro mato, com um cabo, de nome Gabriel de Góes, insolentíssimo e blasfemo da Magestade, o dito Amaral passou o Rio com a sua gente e alguma do arraial. E chegando à vista por sítio ao dito capão e os paulistas como que nada temiam pegaram nas armas, deram tiros e feriram alguns emboabas, causa por que os mais, cheios de cólera, apertaram o cordão e ganhando o mato puseram os paulistas as armas em terra e pediram quartel, sendo levados à presença do Comandante foram mortos a sangue frio, (tirano massacre e ímpia execução abominada de todos os que se têm por próximos). Alguns dias depois desta ação cruenta determinou o dito Amaral retirar-se, como com efeito se pôs em marcha de volta destas Minas para as Gerais.”

Sugestões de visitas para um possível roteiro:

Destacamos na cidade de São João del Rei , a praça do Matozinhos, com um monumento sobre o episódio do Capão da Traição, próxima a uma linha de trem, onde há um monumento relatando o ocorrido. A praça tem também um monumento à Deusa Ceres. Ela encontra-se mal cuidada, sem sinalização turística adequada, como mostram as fotos a seguir:

Foto 1:

Praça do Matosinhos - São João del Rei

Marco Histórico Passagem do Capão da Traição – Praça do Matosinhos - São João del Rei



Foto: Rosália de Oliveira

Ainda em São João del Rei, na igreja das Mercês, as pessoas relatam que do alto de sua construção, durante a Guerra dos Emboabas, devido à sua localização estratégica, na parte alta de um morro, ela era utilizada por permitir uma melhor visão, mais abrangente, da região do conflito. A atual construção foi modificada em 1853, apresentando, curiosamente, uma torre lateral ligada à igreja por um corredor estreito. (localização: Praça Dom Pedro II – Largo das Mercês)



Outra sugestão de visita: A igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar que foi construída pela Irmandade do Santíssimo Sacramento para substituir uma antiga capela existente anteriormente, queimada durante a Guerra dos Emboabas. Localização: Rua Getúlio Vargas – Centro - São João del Rei.

Fortim dos Emboabas: esta grande casa, segundo os relatos da história oral, foi utilizada como fortificação pelos emboabas, que ali se prepararam contra ataques durante a Guerra dos Emboabas. O fortim encontra-se numa rua lateral à igreja das Mercês. (Rua Antônio Cirino, s/nº - centro - São João del Rei).



Foto 2: Placa existente no Fortim dos Emboabas

Foto: Rosália de Oliveira

Estrada São João del Rei – Tiradentes – Rio das Mortes, entre outros.

## Conclusões:

Antonil, citado pelo professor Luiz Cruz, da cidade de Tiradentes, em um artigo no Estado de Minas de 14/12/2002 – A Saga dos Emboabas, fala:

“Em sua obra, Antonil fala de um fortim com trincheiras e fosso, que fizeram os emboabas para se proteger dos paulistas, no primeiro levante. Este forte localiza-se no Arraial do rio das Mortes, a atual cidade de Tiradentes.”

Estas e outras ruínas ainda devem estar na região, merecem ser descobertas e protegidas. O próprio professor Luiz Cruz tem feito suas investigações. Ou seja, ainda há muito a ser investigado e este trabalho inicial quer apenas mostrar a importância do resgate de parte de nossa história, que continua meio esquecida. O maior conhecimento sobre a Guerra dos Emboabas pode contribuir para a criação de mais um roteiro enriquecedor, aliando-se o resgate do passado e as experiências tiradas para a atualidade, contribuindo para que a região que foi cenário da Guerra dos Emboabas tenha ainda mais atrativos.

## Bibliografia

- AFONSO, José Eduardo. A Guerra dos Emboabas. Ed. Ática, São Paulo, 1998.
- ANTONIL, André João. Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas. Belo Horizonte/São Paulo/Itatiaia/Edusp, 1982.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. Dicionário Histórico-Geográfico de Minas gerais. Belo Horizonte, 1971.
- BARREIROS, C. Eduardo. Episódios da Guerra dos Emboabas e sua Geografia.. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.
- COSTA, Cláudio Manuel da. Descrição geográfica, histórica e política da capitania de Minas Gerais (1781). Revista do Instituto de História e Geografia do Brasil (IHGB), tomo 71, 1908.
- CIATUR Turismo Ltda. A Guide to Visitors – São João del Rei, Tiradentes and neighbouring towns. 2007, edition first.
- CRUZ, Luiz. A Saga dos Emboabas. Estado de Minas, Caderno Pensar, 14/12/2002.
- GOLGHER, Isaías. Guerra dos Emboabas, Itatiaia, Belo Horizonte, 1956.
- GUIMARÃES, Geraldo. São João del-Rei - Século XVIII - História sumária. 1996.
- PITA, da Rocha Sebastião. História da América Portuguesa. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.
- VASCONCELOS, Diogo. História Antiga de Minas Gerais. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1974.

### Sites:

- [www.cidadeshistoricas.art.br](http://www.cidadeshistoricas.art.br)  
<http://www.saojoaodelreite.com.br>  
<http://www.cultura.saojoaodelrei.mg.gov.br>  
<http://www.sjdr.com.br/historia>  
<http://www.turismo.mg.gov.br>  
<http://www.guiatiradentes.com.br>  
<http://www.tiradentes.mg.gov.br>